

JACOPONE DE TODI: PENITENTE, FRANCISCANO, POETA, UM *OUTSIDER*

Angelita Marques Visalli*

Resumo: O artigo apresenta uma abordagem sobre o personagem Jacopone de Todi (1236-1306) a partir das relações de poder tanto institucionais (relação com o papado) como pessoais (os “outros” frente ao seu comportamento “carnavalizado”, expressão de Mikhail Bakhtin). Nessa perspectiva, este penitente e franciscano é identificado numa posição marginal, ainda que não necessariamente negada pelo *status quo* institucional ou da comunidade em seu entorno. O estudo reconhece na definição de extraordinário-normal de Edoardo Grendi a caracterização da documentação (*Franceschina* e laudas) que permite a aproximação de personagens e atitudes fora do padrão, destoantes. Assim, Jacopone de Todi, a partir de sua biografia e poesia, permite-nos perceber a expressão de personagem que assume uma vida religiosa fora do padrão estabelecido (penitente voluntário), em seguida, a adoção da vertente franciscana rigorista (espiritual), e que se expressa através de laudas – poemas associados à religiosidade dos leigos.

Palavras-chave: Jacopone de Todi; Franciscanismo; Relações de poder.

47

Abstract: The article presents an approach to the personage Jacopone of Todi (1236-1306) from both institutional power relations (relationship with the papacy) and personal (the “other” front of your “carnivalized” behavior, an expression of Mikhail Bakhtin). In this perspective, this penitent and Franciscan is identified in a marginal position, although not necessarily negated by institutional *status quo* or by *status quo* of community in your surroundings. The study recognizes in the definition of extraordinary -normal of Edoardo Grendi the characterization of documentation (*Franceschina* and *laudese*) that allows the approximation of personages and attitudes out of pattern, dissonant. Thus, Jacopone of Todi, from your biography and poetry, allows us to understand the expression of personage who takes on a religious life outside the established pattern (penitent volunteer), then, the adoption of the Franciscan rigorist strand (spiritual), and expressed through *laude* – poems associated with the religiosity of the laity.

Keywords: Jacopone of Todi; Franciscanism; Power relations.

Submetido em: 11/09/2017

Aceito em: 25/10/2017

* Professora do departamento de História da Universidade Estadual de Londrina. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988), mestrado em História Antiga e Medieval na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995), doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2004) e pós-doutorado pela Universidade Federal Fluminense (2013).

A proposta de escrita de um texto para um dossiê acerca das relações entre estabelecidos e *outsiders* no ocidente antigo e medieval parece fazer bastante sentido para uma pesquisadora da obra de Jacopone de Todi (1236-1306). Afinal, Jacopone foi um homem bem situado social e economicamente que abraçou a vida penitencial, um penitente que se tornou franciscano, que escreveu poesia, que escreveu poesia *laudese* (característica do ambiente religioso das associações religiosas laicas), que se identificou com a corrente dos espirituais, que se integrou ao movimento desses rigoristas franciscanos e por isso foi encarcerado, que escreveu laudas críticas ao papado, e que se comportava de modo “estranho” aos olhos daqueles que conviviam com ele. Um personagem cuja documentação, ainda que escassa, permite localizá-lo numa perspectiva não-convencional, um contestador que se envolveu na rede de poderes estabelecidos no meio religioso e que, por isso sofreu as punições decorrentes.

Da introdução à obra de Norbert Elias, nesta onde se desenvolve uma possibilidade de compreensão das dinâmicas sociais a partir das relações entre estabelecidos e *outsiders*, retiramos uma definição de Federico Neiburg (*apud* ELIAS, 2000, p. 7) que contribui com a adoção dessa perspectiva teórica:

[...] os não membros da “boa sociedade”, os que estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established*. A identidade social destes últimos é a de um grupo. Eles possuem um substantivo abstrato que os define: são os *establisment*. Os *outsiders*, ao contrário, existem sempre no plural, não constituindo propriamente um grupo social.

48

A segregação ou discriminação não passa, portanto, necessariamente pelas relações econômicas e o poder não se configura em algo que se possa ter e guardar, mas exercer na dinâmica das relações de interdependência. Para Elias, o poder “não é unilateral – nem unidimensional –, o poder não é propriedade exclusiva (e definitiva) de um indivíduo e ou grupo social, mas sim resultante de tensões móveis em inter-relações sociais (re)configuráveis” (LIMA, 2015, p. 247).

Podemos considerar o conceito de *outsiders* para os espirituais franciscanos. Se ainda durante a vida de Francisco de Assis, no início do século XIII, a Ordem dos Frades Menores apresentou uma fratura que separou os freis rigoristas, imitadores do modo de vida de Francisco, daqueles mais afeitos ao processo de clericalização da Ordem e afrouxamento do ideal de pobreza, no tempo de Jacopone a fratura envolveu a hierarquia da cúria romana e chegou a segregações e perseguições. É certo que as divisões da comunidade franciscana são até hoje reflexo de uma inspiração numa comunidade primitiva e ideal.¹ O processo de institucionalização por que passam

¹ Pensamos na extensa rede de comunidades: Ordem dos Frades Menores, Ordem dos Frades Menores Conventuais,

esses movimentos internos ao longo da história eclesiástica não faz desaparecer por completo um fermento de rigorismo e desejo de retorno à origem. Entre as primeiras manifestações de cada um dos movimentos de releitura da forma de vida franciscana e seu acolhimento na estrutura eclesial ou desaparecimento, encontramos personalidades inquietantes frente ao *status* das estabelecidas. Jacopone é uma delas.

Por outro lado, a caracterização de Jacopone como *outsider* pode ser estabelecida a partir de outras referências, que dizem respeito ao relacionamento com a comunidade em seu entorno. Na documentação encontramos eco de um estranhamento frente ao seu comportamento considerado fora do padrão, o que pode nos apontar para o endurecimento da comunidade urbana e religiosa do período para expressões efusivas e teatralizadas de religiosos que se manifestam de modo “carnavalizado”. O necessário enquadramento eclesiástico se consolida como única via possível para a experiência religiosa. Isso não implica, contudo, que em termos de discurso, a negação se faça dirigida e transparente.

A partir da conversão, este se torna um penitente, condição em que esteve pelo espaço de aproximadamente uma década, conforme nos afirma a lauda:

Questa pena che mm'è data,
trent'agn'à ch'e' l' aio amata;
or è ionta la iornata
d' esta consolazione.
Questo non m' è orden novo,
ch' el capuccio longo aprovo,
c' agni dec' entegri artrovo
ch' eo 'l portai gir bezoccone.
Loco fici el fondamento
a virgogn' e schernemento
(le vergogne so' co' vento
de vesica de garzone)
(JT, 53, 123-134).²

49

Nesta lauda composta entre 1298-9, quando esteve na prisão sob ordem do papa Bonifácio VIII, Jacopone afirma ter permanecido dez anos como *bezoco*, ou seja, como penitente, para somente depois tornar-se um frade menor, o que já teria ocorrido havia trinta anos. Situação similar àquela de Francisco de Assis. Segundo a “Legenda dos Três Companheiros” e o “Anônimo Perusino”, quando questionados sobre sua origem,

Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, Ordem dos Frades Franciscanos da Imaculada, Ordem de Santa Clara, Ordem das Irmãs Clarissas Capuchinhas, Ordem da Imaculada Conceição, Ordem Franciscana Secular, Terceira Ordem Regular de São Francisco, Irmãs Franciscanas da Eucaristia, Franciscanas Missionárias de Maria, Congregação das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição, Congregação Franciscana da Penitência Congregação das Irmãs Missionárias Capuchinhas e Fraternidade de Aliança Toca de Assis.

² Todas as laudas citadas são retiradas da edição organizada por Franco Mancini (1980).

os primeiros membros da comunidade franciscana respondiam serem “penitentes de Assis” (3 Comp, 37; AP, 5, 19).³

E. Menestò (2001, p. 8) afirmou que sua personalidade era “singular”. Cremos que a singularidade de Jacopone se manifesta numa documentação que podemos denominar “excepcional-normal”, expressão desenvolvida por Edoardo Grendi (1998), que contribui para entendermos o “lugar” do poeta franciscano. Esse conceito se aplica à documentação que, ainda que se apresente como tradicional e institucional, deixa entrever pensamentos e posturas discordantes, que permitem uma aproximação desses que se configuram como destoantes da ordem vigente. Consideramos assim o material hagiográfico de onde retiramos informações sobre Jacopone: a hagiografia objetiva apresentar ideais de perfeição religiosa, mas em suas franjas permite perceber personagens e situações fora do padrão. Nesse contexto localizamos a documentação que nos apresenta Jacopone, a *Franceschina*.

A maior parte das informações sobre o poeta derivam de biografia legendária compilada no século XIV na região de Todi. Seu núcleo foi ampliado muito provavelmente na primeira década do século XV numa *Vita* escrita em Montecristo, mas esse manuscrito, assim como o anterior, não mais existe.⁴ Mas desta e de uma recomposição desta, também de meados do século XV, derivam três biografias as quais inspiraram outras tantas. A mais antiga é o *Specchio de l'Ordine Minore*, mais conhecido como *Franceschina*, de Giacomo Oddi (1400-1487).⁵ Esse manuscrito, datado de 1474, foi produzido pelo frei Giacomo Oddi, na região da Úmbria, no ambiente da reforma observante. A obra foi realizada no centenário da reforma do convento de Monteripido, em Perugia, e apresenta-se como um “espelho”, evidenciando as virtudes franciscanas. O poeta tem sua biografia apresentada no capítulo sétimo, da virtude da Humildade.⁶

Na *Franceschina*, os frades são elencados num plano de modelos de virtude, em que desfilam santificados e anônimos, textos construídos a partir de hagiografias, crônicas e tradição oral. Dedicada aos irmãos menores reformados, a *Franceschina* reforça a identidade e institucionalização dos franciscanos reformados. Mas nessa obra comemorativa, traços destoantes são perceptíveis mesmo no texto que valoriza o rigorista Jacopone.

³ Referem-se à Legenda dos Três Companheiros e Anônimo Perusino, das Fontes Franciscanas (cf. CAROLI, 1977).

⁴ As fontes mais antigas sobre Jacopone da Todi foram reunidas e comentadas por Enrico Menestò numa primeira edição em 1977. De edição mais recente (1991) retiramos os trechos das legendas que ora utilizamos, assim como as principais informações sobre elas.

⁵ As outras fontes correspondem a uma segunda biografia cujo original foi perdido, mas que a tempo foi reproduzida por A. Tobler em 1879, por isso é também chamada “tobleriana”; e uma terceira, editada por Guazzaroni.

⁶ Os bons exemplos dos frades são distribuídos entre capítulos que apresentam as seguintes virtudes: obediência, a pobreza, a castidade (tripé da ordem dos frades menores), a recusa do mundo, a caridade, humildade, oração, paciência, penitência, a virtude em geral; ainda, um capítulo voltado para a anulação de si mesmo, outro para a danação aos que não respeitam a regra e ainda outro sobre o prêmio para os que a seguem.

Outro sentido para o conceito de “excepcional normal” da documentação, como bem expressa Carlo Ginzburg (1991, p. 177), está no seu caráter de excepcionalidade enquanto “marginal”, mais distante das teias de oficialidade que tendem a ofuscar setores sociais subalternos, pensamento discordante dos poderes constituídos. O conceito se estende ao personagem. Nesse caso, consideramos especialmente as laudas escritas por Jacopone e o próprio autor. As laudas originalmente derivaram do ofício litúrgico, dos salmos cantados na missa, e se tornaram características das expressões de devoção leiga nas associações religiosas, conhecidas desde o século XII, difundidas especialmente entre os séculos XIII e XIV. Os poemas, normalmente cantos de louvor, são quase todos anônimos, e circulavam oralmente entre as associações. Destes, temos algumas compilações (laudários) e nelas encontramos laudas de Jacopone, sem identificação. Jacopone se expressa em forma de laudas. O segundo franciscano conhecido por isso: o primeiro foi Francisco de Assis.

As laudas de Jacopone podem ser identificadas como poesias de louvor (quase todas marianas), de caráter penitencial e políticas (dirigidas especialmente ao papa, com textos contundentes) (LEONARDI, 1997, p. 104).

Estes poemas religiosos, por suas características peculiares, são instrumentos valiosos para a interpretação da espiritualidade do período: poemas em grande parte anônimos que se destinavam às manifestações coletivas de louvor, especialmente nas cidades da península itálica. Uma lauda atribuída a Jacopone especialmente conhecida é o *Stabat Mater*, um hino escrito em latim que desde 1727 faz definitivamente parte do missal romano e cuja popularidade pode ser ainda conferida pelas versões dadas por Antônio Vivaldi (1675-1740) e Giovanni Batista Pergolesi (1710-1736).

Mas, além da lauda em latim *Stabat Mater*, toda a produção laudística de Jacopone está em dialeto umbro, e, portanto, se identifica com as poesias cantadas pelos leigos nas associações religiosas. Na *Franceschina* a Jacopone de Todi é atribuída, antes de sua conversão, uma vida mundana como “amatore del mondo, superbo, avaro e tutto involto nelle concupiscentie del misero mondo” (*Franceschina*, 7, 65), um modelo comum em material hagiográfico. Procurador, tendo se casado “por vaidade”, agradava-lhe apresentar “bem adornada” a jovem esposa, mas uma tragédia provocou a mudança de vida e a dedicação à vida religiosa: a moça estava presente a uma festa quando parte do forro da casa desabou sobre ela, provocando-lhe a morte (*Franceschina*, 7, 66). A preparação de seu corpo para sepultamento reservou uma surpresa a Jacopone: a jovem trazia um silício sob as ricas vestes. Estupefato, o jovem esposo teria percebido a insensatez de sua vida até então, avaliação essa que o fez abandonar seus afazeres e bens, passando a se dedicar exclusivamente à vida religiosa (*Franceschina*, 7, 67-68) Aqui se inicia o período de dez anos de vida penitencial que Jacopone abraça.

A condição de penitente não compreendia uma situação específica, e as variações em torno dessa condição eram bastante grandes. O poeta adotou um hábito, *bezocone*, o qual deveria corresponder a uma túnica sem tingimento, rústica, como era comum aos penitentes. A mudança da aparência exterior indicaria a mudança de vida e a passagem para a jurisdição: já não fazia parte dos homens comuns, mas se inseria entre aqueles que, despertados pela onda de evangelismo de então, abandonavam seus bens e forma de vida para vivenciar uma experiência de constante privação. Da mesma forma Francisco já havia feito. E isso afirmamos não porque o primeiro dos *minores* fosse para Jacopone um modelo a ser imitado nas suas experiências específicas, no caso a prática penitencial: o fato de sabermos que o penitente se tornaria franciscano dez anos depois não nos deve levar a estabelecer uma correlação tão justa. Mas a coincidência nos aponta para um itinerário conhecido por aqueles despertados pela onda de religiosidade do período, caminho trilhado por muitos.

A vida de penitente, particularmente, possui vinculação especial com a comunidade franciscana porque fundamenta suas origens e marca a espiritualidade franciscana, como já dissemos acima. O “abandono do mundo” e dedicação à vida religiosa em Francisco se deu através de atitudes e atividades características de penitentes voluntários: uma vida de indigência, voltada para os trabalhos humildes de recuperação de prédios religiosos, para a convivência com os deserdados da sociedade, os mais pobres e doentes, particularmente os leprosos, e para a mendicância. Em estudo anterior, já nos detivemos sobre a opção de vida religiosa de Francisco como penitente (2003). Interessa-nos, para o momento, chamar a atenção para o fato de que Jacopone, assim como Francisco, poderia ter ingressado nos quadros da Igreja. Em lugar disso, a partir da morte da esposa, Jacopone adotou um caminho marcado por especial aviltamento no próprio ambiente citadino em que viveu anteriormente como honorável procurador.

A suportabilidade da vergonha constitui um momento essencial na estrada do penitente. É só aviltando-se, desprezando-se, rebaixando-se, que o homem pode esperar restabelecer a justa distância entre si e Deus. É só assim que se podem criar pressupostos para uma vida espiritual e para um progressivo melhoramento do indivíduo (SUITNER, 1999, p. 29).

Assim nos explica Franco Suitner, estudioso e biógrafo de Jacopone de Todi, a opção religiosa do poeta. Lembremos que essa forma de vida implicava numa verdadeira morte civil acompanhada de trabalho de assistência, continência ou abstinência sexual e jejuns – condição que caracterizava a vida de penitentes públicos e principalmente voluntários. Segundo a *Franceschina*, quanto a Jacopone nestes anos:

La sua pratica era per le chiesie a dire de li Pater nostri et de le Ave marie, et piangere li suoi peccata: et parte del tempo per la terra, vilipendendo se medesimo como homo insensato et fuore de omne via ragionevele, secondo la oppinione del mondo (*Franceschina*, 7, 69).

Assim, os parentes tentaram dissuadi-lo a retomar sua vida “no mundo”, repreendendo-o como *pazo* (louco), envergonhados de suas atitudes (*Franceschina*, 7, 69) Mas, se encontramos referência à sua condição como penitente como “perigosa” em comparação à adoção do hábito franciscano, a “loucura” de Jacopone a que se refere a documentação diz respeito a outras questões. Apresentemos dois episódios relativos a esse período em que viveu como penitente, em que percebemos estranhamento e indício de crítica: numa festividade em Todi, com a presença de grande parte da população, Jacopone tirou as próprias vestes e, tomando um arreio de asno, colocou-o em si e tomou a corda com a própria boca, andando de quatro, assim selado, por toda a festa. A população teria ficado comovida ao ver um magistrado tão afamado nessa vil condição e a *vanità* da festa se transforma em *dolore de core* (*Franceschina*, 7, 70).

Num outro episódio, Jacopone foi convidado pelo irmão para suas núpcias, ainda que este estivesse bastante temeroso que aquele lhe causasse vergonha, pediu-lhe “che fosse piúsavio una volta che l’altra” (*Franceschina*, 7, 71). O irmão então, “honrou sua parentela” com sua “loucura”: tirando suas próprias roupas, lambuzando-se e se cobrindo com penas coloridas, apresentando-se assim aos convidados (*Franceschina*, 7, 71). A reação dos convivas descrita pelo autor é a mesma do episódio anterior: um misto de estupefação, vergonha e comoção diante de sua auto-humilhação. Não há mensagem evangélica intrínseca ao ato, mas a comprovação de sua escolha diante da depreciação do evento.

Este comportamento “estranho” de Jacopone faz-se ainda perceber na sua vida na Ordem dos Frades Menores. Inicialmente, percebe-se a hesitação dos frades em recebê-lo: “Mandante che li fratilo volessero vestire, lo provato per diverse vie, dubitando che non fosse qualche fantastico” (*Franceschina*, 7, 75). Foi a composição de uma lauda que teria inspirado os frades a aceitá-lo na Ordem. “Mirabile cosa!” (*Franceschina*, 7, 75). Após o reconhecimento da grandeza da fé de Jacopone, os frades o teriam recebido.

A entrada na Ordem não implicou no desaparecimento das atitudes inconvenientes. Conforme outro episódio narrado, um dia, os frades se incomodaram com um cheiro fétido que não sabiam de onde provinha. Começaram a vasculhar o convento e se voltaram para a cela do todino, pois suspeitavam que “avesse fatta qualche fantascaria, come lui era usato” (*Franceschina*, 7, 104). Na sua cela, de fato, encontraram a origem do odor: porque havia sido tentado pelo vício da gula, Jacopone manteve por dias uma porção de carne, e esfregava-a no rosto (*Franceschina*, 7, 41.)

O alimento apodrecido e em decomposição, guardado, então, em sua cela, pleno de vermes, empesteara toda a casa dos “menores”.

Allora quilli frati represero frate Jacopone molto asperamente, et per penitentia lo misero nelli luohi comuni, dentro nella confettione, diendo: 'Poi che tu te delette et pigli tanto conforto de la puza, toglitene et satiatene mo quanto tu vole (*Franceschina*, 7, 41).

Assim como convivera com o cheiro fétido e a imagem putrefata, Jacopone recebeu o castigo dos frades com *alegreza*, como se tivesse sido colocado em mesa repleta de manjares. E cantando recebeu, nesse lugar imundo, a consolação de Jesus Cristo, que lhe apareceu e perguntou o que desejava, ao que teve como resposta “che voi facciate un altro luo cho molto più orribile et puzulente che questo che è al presente” (*Franceschina*, 7, 105). O autor, assim, legitima um comportamento incompreendido pelos seus próximos, os próprios religiosos.

Como bem afirmou Auerbach (1998), a forma anedótica e modos estranhos por meio dos quais os homens de Deus se rebaixam é clássica nos textos hagiográficos franciscanos, já que todo frade menor é um *alter Franciscus* e as legendas são repletas de vários episódios pitorescos, e mesmo picarescos. Nesse sentido, Auerbach (1998, p. 147) nos confirma que Francisco, pela sua forma de vida e expressão, acabou se tornando “incrivelmente popular”, convertendo os “menores”: “[...] em criadores e, logo também, em objeto de anedotas cênicas, jocosas e, freqüentemente, grosseiras ou obscenas. O realismo mais grosseiro da tardia Idade Média tem muito a ver com a atitude e a ação dos franciscanos”.

Não cremos que a generalização seja muito conveniente, mas Jacopone, assim como outros franciscanos, acabou tomando ao pé da letra a expressão do fundador dos menores, *joculatores Domini*. Uma das originalidades de Francisco de Assis, segundo Minois seria exatamente a alegria, “em completa ruptura com as práticas monásticas anteriores”. Tanto assim, que sobretudo pregadores franciscanos têm tendência a cair na bufonaria (MINOIS, 2003, p. 216, 221). A própria *Franceschina* traz vários exemplos de situações risíveis de que se extrai, conforme a própria narrativa, preceitos morais que ultrapassam o estranhamento de freis ou de leigos, conforme as situações narradas apontam. De todo modo, o estranhamento dos contemporâneos emerge nas expressões utilizadas pelo escritor-hagiógrafo (*come lui era usato*), e na construção da narrativa, pois Giacomo apresenta a legitimidade do gesto de Jacopone como compreendido plenamente por Cristo.

Após longo período de vida penitencial laica, Jacopone adentrou na ordem franciscana, o que implicou mudança com teor qualitativo na opinião do próprio todino, como citamos anteriormente.

O “perigo” foi ainda confirmado por Giacomo Oddi, ressaltando-se a valorização da vida mortificada do penitente:

Pervenuto che fo al termene de dece anni enspirante la divina gratia conobe quello stato esere gran pericolo quantunca fose de gran perfexione per la mortificatione de se medesimo & vero fundamento de la vida spirituale Et per questo penso fra se medesimo de pigliare una vita piu segura a salvare lanema sua [...] (*Franceschina*, 7, 75).

Compreendemos o “perigo” diante da frágil fronteira entre ortodoxia e heresia para os penitentes. Mas Jacopone, de qualquer modo, identificou-se com a corrente mais rigorista dos franciscanos, a dos espirituais. A radicalização de sua experiência, de certo modo, acompanhou sua vida na Ordem. Já os identificamos como aqueles que não se conformavam com as mudanças que se operavam na comunidade franciscana a despeito dos ideais de seu fundador.

Como *outsiders*, os espirituais acabaram formando grupo de difícil distinção, pois a relutância ou resistência em aceitar a evolução na Ordem se confunde, em maior ou menor grau, com atritos específicos com a autoridade papal, com clérigos seculares, com intelectuais da Universidade de Paris. A disseminação das ideias de Joaquim de Fiore entre espirituais torna a identidade de todo o grupo ainda mais difícil. Faz-se necessário ainda confirmar a devida dissociação entre movimento espiritual e joaquimismo. Assim como bem assinalou Stanislaw da Campagnola, o fundamento primário da doutrina dos espirituais esteve numa posição característica destes que, do coração do movimento franciscano, irradiavam uma imagem de verdadeiros continuadores da forma de vida do *poverello*, em estrita pobreza, fundamentalmente.

O reconhecimento das influências joaquimitas em Jacopone de Todi são, para nós, ainda muito discutíveis.⁷ Dentre as laudas místicas, algumas particularmente

⁷ Joaquim de Fiore, monge cisterciense nascido na Calábria em 1135, a partir da reflexão sobre o Apocalipse e a Trindade, anunciou a proximidade do início de uma nova era. A primeira era teria sido a do Pai, abrangendo o período do Velho Testamento; a segunda, a do Filho, teria se iniciado com o nascimento de Jesus e findaria com um período de grandes tribulações para a Igreja, cujo ápice seria o ano de 1260. A terceira era corresponderia a do Espírito Santo e marcaria período de glória e paz, em que a Igreja seria toda contemplativa na medida da substituição da *ordo clericorum* pela *ordo monachorum*, espalhando, assim, o “Evangelho Eterno” por todo o mundo. Obras posteriores a Joaquim de Fiore e atribuídas a ele (de aproximadamente 1250) exerceram importante influência sobre o movimento espiritual. Trata-se principalmente de *In Hieremiam* (Sobre Jeremias) e *In Isaiam* (Sobre Isaías). Diga-se, ainda, que, segundo Jean Delumeau, muito provavelmente estas foram escritas por franciscanos. Estes identificavam o *ordo monachorum* profetizado por Joaquim de Fiore com as Ordens Mendicantes. Mas foi a “Introdução ao Evangelho Eterno” (*Liber introductorius in Evangelium aeternum*), de 1254, apresentando três tratados joaquimitas e uma introdução do franciscano Gerardo de Borgo San Donnino, que reforçou o caráter milenarista da doutrina e deu à obra de Joaquim de Fiore uma aura herética que, por si, em termos doutrinários, não possuía: para Gerardo, as três obras do abade calabrês constituiriam o “Evangelho Eterno” que viria a substituir o Novo Testamento, assim como este substituiu o Velho. O que seria uma “inteligência mística” dos dois Testamentos a reger uma nova era para Joaquim de Fiore se transformou em mais um “Novo Testamento”, provocando imediata reação na Igreja” (VISALLI, 2004, p. 39). Ainda sobre os espirituais franciscanos, ver estudo de Nachman Falbel (1995).

chamaram a atenção de estudiosos para indícios de ter sido Jacopone um seguidor do movimento do “livre espírito”, ou ao menos simpático a ele. Observem-se particularmente os últimos versos da lauda:

Povertat'è null'avere
e nulla cosa poi volere
e onne cosa possedere
en spirito de libertate
(JT, 36, 119-122).

Para E. Menestò (2001, p. 17), a identificação de Jacopone com a mística herética do “livre espírito” não possui sustentação: na sua união com Deus, se a alma se sente imune à possibilidade de pecado, esta condição não é estável e definitiva, pois, após a embriaguez mística do aniquilamento em Deus, o poeta conhece a desesperada nostalgia do paraíso perdido, em meio à aridez do mundo e ao cerco dos inimigos de sempre (o mundo, a carne, o demônio).

Não esquecemos a difícil demarcação, nesses termos menos “extremos”, entre a ortodoxia e a heresia. Lembremos que a ascensão da alma a Deus é um elemento intrínseco à mística medieval. A questão principal de diferença em relação à ortodoxia estava na possibilidade de perfeição ainda durante a vida terrena, condição impossível segundo os dogmas da Igreja, e a isenção da mácula do pecado perante qualquer atitude.

56

Podemos destacar, entre os textos de Jacopone, a união da alma com o Deus, num “abraço místico completo” após o longo processo de renúncia de tudo que pudesse conturbar a mente: *lotemere e losperare, eldolore e 'l gaudiate* (JT, 36, 57-58):

Alta nichilitate [...]
Possedi posseduta
en tanta unione,
non c'è deisione,
che te da Lui retraga;
tu bivì et èi bevuta
en trasformazione
(JT, 92, 341-394).

En Cristo trasformata, è quase Cristo,
cun Deo conionta tutta sta devina
(JT, 89, 99-100).

Mas a questão se torna mais complexa ao nos determos em textos de laudas em que Jacopone se coloca frontalmente contra as distorções dogmáticas.

Amor che non n'è saio, de prudenza vestito,
non pò veder l'accessi, però ch'è ensanito;
rompe lege e statuti, onne ordenato rito

(dice ch'è salito a nulla lege servare).
O amor enfedele, errato de la via,
non repute peccato nulla cosa che sia,
va' sementando erruri de pessima risia,
tal falsa compagnia onn'om deia mucciare. [...]
Chi vive senza lege, senza lege peresce;
currenno va a l'onferno chi tale via sequesce;
loco sì lli sse acumula onne cosa ch'encresce;
chi ensemore fallesce, ensemore à a penare
(JT, 46, 15-22; 39-42).

Sua posição moralista e anti-herética o colocaria de encontro a uma consciente simpatia pelos irmãos do “livre espírito”. Franco Suitner argumenta que muito provavelmente as laudas em que encontramos referências à perspectiva heterodoxa (89, 90 e 92) seriam mais antigas, feitas em período logo em seguida à sua conversão. Entre estas, inclui a lauda 36 e tem, assim, uma hipótese para a aparente contradição: a influência do “livre espírito” seria coincidente ao período em que Jacopone estaria mais exposto a ela, no período em que vivia como penitente (SUITNER, 1999, p. 222-225). A entrada na Ordem e o contato com a crítica mais contundente às ideias heterodoxas justificariam a sua ausência em laudas posteriores e mesmo a crítica aos desviantes, assim como a advertência aos desavisados. A falta de datação das laudas, e mesmo ordem cronológica quanto às laudas místicas nos impossibilita avançar nesse sentido.

De todo modo, a situação que imprime a identificação de Jacopone com os espirituais não implicou questões dogmáticas, mas envolve as relações dos rigoristas franciscanos com o papado no último decênio do século XIII.⁸ Em 1294, foi eleito Pietro de Morrone como Celestino V, após dois anos de vacância no trono pontifício. A inusitada eleição de um eremita já bastante idoso (84 anos) para o posto foi a solução encontrada pelo colégio cardinalício para a crise instaurada, mas não se demonstrou muito duradoura. Os conflitos entre as famílias Orsini e Colonna, representadas em altos postos eclesiásticos, e a ingerência de Filipe, o Belo são elementos importantes para a compreensão de tão curto pontificado: após cinco meses, Celestino V renunciou, sendo eleito Bonifácio VIII. A saída do papa-eremita e a entronização de um eclesiástico bem integrado à vida político-diplomática, promotor da autonomia papal frente à casa de Anjou, ansioso por defender e ampliar o patrimônio eclesial e fortalecer o poder de sua hierarquia, certamente levou à construção de uma imagem positiva do papa ancião e uma verdadeira diabolização daquela de Bonifácio VIII.

Em lauda que escreveu dedicada a Celestino V, provavelmente pouco depois de sua posse, Jacopone alerta para o perigo da corrupção em torno ao cargo. Paira, ainda,

⁸ Nesse trecho do artigo, para nos referirmos à relação com o papado, reportamo-nos à nossa tese de doutoramento (2004).

a dúvida quanto ao motivo de seu aceite para a função. Desconsiderando o caráter profético de sua lauda, cremos que esta resultou de avaliação que contava com um conhecimento das práticas comuns à Cúria.

Questa corte è una focina,
ch'el bon auro se cci afina;
s'ello tene altra ramina,
torna en cennere e 'n carbone. [...]
L'Ordine cardenalato
posto s'è en basso stato,
ciascheun so parentato
d'ariccar à entenzione
(JT, 74, 19-22;47-50).

O papa-eremita recebeu com bons olhos a delegação de franciscanos que pedia a possibilidade de viver segundo o rigor proposto por Francisco. A *Crônica* de Ângelo Clarenó cita a presença de Corrado de Offida, Petrus de Monticulo, Thome de Trivio, Conrado de Spoleto e Jacopone da Todi (BRUFANI, 2001, p. 72-73). Sua presença na delegação e o fato de ser nomeado junto aos líderes espirituais denotam a importância do poeta para o movimento. Franco Suitner chega a afirmar que seu prestígio seria tal qual o de Corrado de Offida, personagem importantíssimo da história dos espirituais e depositário dos "segredos" e "carisma" de Francisco (2001, p. 107-108).

58

Da visita a Celestino, a delegação logrou a criação de nova comunidade: como "pobres eremitas", da família dos celestinos, poderiam seguir a regra franciscana segundo o rigor ascético, *sine glosa*. Essa comunidade foi extinta por Bonifácio VIII pouco depois de sua ascensão, e as lideranças espirituais se exilaram na Grécia.

Quando o papado se voltou contra a família Colonna, Jacopone assinou como testemunha um documento de acusação da parte dos cardeais Giacomo e Pietro Colonna, em que afirmavam a ilegitimidade de Bonifácio e solicitavam a convocação de concílio para a solução do problema. O documento, conhecido por "Manifesto de Lunghezza", data de maio de 1297.

A família Colonna era conhecida protetora dos mendicantes e simpática aos rigoristas. As disputas patrimoniais com o papado levaram à excomunhão dos dois cardeais da família, assim como ao confisco dos seus bens. Contra eles o papado organizou um exército para tomar suas possessões, e os conflitos se consumaram em Palestrina, próximo a Roma, onde se refugiaram os Colonna e seus aliados. O embate tomou caráter de Cruzada, conclamada por Bonifácio. Após longo período de assédio, o exército organizado por ele entrou na cidadela e, entre os que sofreram punição, estava o poeta todino. Franco Suitner levanta a hipótese de o poeta habitar num convento próximo ao local do confronto e de sua presença entre os sitiados se

justificar pela busca de proteção (SUITNER, 2001, p. 173-175). No entanto, não cremos que sua presença na Palestrina possa ser cogitada como resultado de coincidência, pois sua assinatura no documento de *Lunguesa* demonstrou seu partido declarado.

Os acontecimentos que cercam a condenação de Jacopone são também desconhecidos para nós, assim como o local de sua prisão. Há uma razoável probabilidade de Jacopone ter sido encarcerado no maior convento franciscano de Todì, San Fortunato (SUITNER, 2001, p. 179), mas as únicas fontes sobre esse período são suas próprias laudas, e nelas não há vestígios desses acontecimentos. Temos, contudo, um retrato detalhado de sua prisão e de seu estado de ânimo:

Que farai, fra' Iacovone?
Èi venuto al paragone[...]
So' arvenuto prebendato,
ch'el capuccio m'è mozzato;
en perpetua encarcerato
encatenato co' llione.
La presone che m'è data
una casa sotterrata;
arèscece una privata,
non fa fragar de moscune.
Null'omo me pò parlare;
chi me serve lo pó fare,
ma èli oportto [a] confessare
de la mea parlazione.
Porto ietti de sparveri,
soneglianno nel meo gire;
nova danza ce pò odire
chi sta apresso mea stazzone.
Da po ch'eo me so' colcato,
revòltome nell'altro lato';
nei ferri so' enciampagliato,
engavinato èl catenone.
Aio un canestrello appiso,
che da surci non sia offiso;
cinqui pane, al mio parviso,
pò tener lo meo cestone
(JT, 53, 1-2; 11-34).

59

Na definição de Franco Suitner, há um "realismo exasperado" na descrição da prisão e das suas condições, mas não há traço de arrependimento. Pelo contrário, não há como negar um forte traço de arrogância no afrontamento de sua situação.

[...] Tanto so gito parlanno,
Cort'i Roma gir leccanno,
c'or è ionto alfin lo banno
de la mea prosonzione.
lace, iace enn esta stia
como porco d'[n] grassia!
Lo natal no 'n trovaria

chi de me live paccone.
Maledicerà la spesa
lo convento che l'à presa;
nulla utilità n'è scesa
de la me reclusione
(JT, 53, 91-102).

Interessante como a punição sofrida pelos cardeais da família Colonna permitiu sua liberdade: obrigados a pedir perdão publicamente, seu confinamento não durou muito e logo se refugiaram junto à corte de Filipe. Cabe lembrar que, no conhecido episódio de Agnani, em 1303, quando Bonifácio foi humilhado e esbofeteado por um enviado de Filipe, o Belo, um dos protagonistas foi exatamente um membro dessa família (SUITNER, 2001, p. 176).

60

A punição de Jacopone, no entanto, foi bastante rígida: condenado à prisão perpétua, privado do hábito franciscano e excomungado. A firmeza da posição de Bonifácio VIII pode ser particularmente medida no ano do jubileu. Pela bula de 22 de fevereiro de 1300, o papa estabeleceu o perdão para todos os peregrinos a Roma em data retroativa, a valer a partir do dezembro anterior. O grande perdão foi instituído para se repetir a cada cem anos e certamente deu um impulso ainda maior ao intenso movimento peregrinatório do período. Nesse ambiente, Jacopone escreve uma lauda dedicada a Bonifácio, em que o tom irônico é completamente ausente. Seu espírito é outro: cansado, refere-se à sua idade avançada e às suas doenças, pede sua reintegração à comunidade da Igreja (revogação da excomunhão) e a mudança (e não anulação) de sua punição (o silêncio), pois deseja se comunicar. Trata-se de um lamento, apresentando-se de modo humilde a Bonifácio. Afinal, diante da abrangência do perdão, se até mesmo os peregrinos que morressem no caminho peregrinatório estariam perdoados de seus pecados, imaginava Jacopone que após tanto tempo de cárcere e diante de sua submissão, poderia ele também ser agraciado. Mas apesar do tom respeitoso (Bonifácio é referido como "pastore"), o poeta não obteve o perdão. Somente após a morte desse pontífice e ascensão de Benedito XI, em outubro de 1303, é que Jacopone conseguiu sua liberdade. Junto à revogação da excomunhão de Filipe, o Belo, dos cardeais e apoiadores da família Colonna, o todino recebeu seu perdão. Já estava com 70 anos e viveria ainda aproximadamente dois anos e meio.

Como assinalamos anteriormente, o poeta franciscano foi o segundo da Ordem dos Frades Menores a compor laudas identificando-se, pois o primeiro havia sido o próprio fundador, Francisco de Assis. A possibilidade de uma identificação de Jacopone com o *poverello* perde, no entanto, seu significado quando aproximamos os textos escritos por ambos. Jacopone está distante da lírica de Francisco, do entrosamento deste com o universo criado expresso de forma suave e intensa no

“Cântico das Criaturas”. Jacopone não expressa seu otimismo, ainda que aquele tivesse vivenciado rigorosa disciplina ascética. Nem Jacopone, nem quaisquer outros autores de laudas conhecidas.

Stanislao da Campagnola (1976) chamou a atenção para o fato de ter Jacopone deixado poucos traços na história dos espirituais umbros. O autor, todavia, sugere o fato de ter sido o poeta muito mais um pregador que organizador da resistência franciscana.

Ao tentar estabelecer uma distinção, ainda que artificial, entre doutores e místicos franciscanos, Jean Leclercq identificou Jacopone ao segundo grupo, junto a autores como Adam Marsch (+1258), Conrado de Saxe (+1279) e Ângela de Foligno (1961, p. 378) Mas o exame da obra de Jacopone e a identificação de laudas não somente místicas, mas penitenciais e “políticas” dificultam enormemente o qualificativo de “místico” se o pensamos como indivíduo mais voltado para as questões do espírito e que pouca atuação tenha no mundo ao redor. Suas laudas não nos levam a essa compreensão, a não ser que as examinemos isoladamente.

Para S. Campagnola (1976, p. 99-100), a postura de Jacopone estava em consonância de espírito com as experiências dos franciscanos eremitas da Úmbria:

[...] ligado a uma prática ascético-mística, no convite à contemplação e na exortação ao distanciamento das coisas do mundo, que não se limitam a casos excepcionais e privilegiados, mas se propõem, mais largamente, em um tipo de religiosidade alheia a formas exteriores, mais atento à interioridade, pois acreditavam que a pureza das suas intenções pudesse salvá-los [...].

61

Jacopone é, para nós, antes de tudo um penitente que se inclui entre aqueles que clamam, choram e louvam por meio das laudas. Isso pode nos justificar melhor sua postura, levando em conta, ainda, o fato de Angelo Clareno inserir Jacopone entre os *pauperes eremite* no seu *Chronicon*.

Na *Franceschina* (7, 76), a vida de Jacopone na Ordem dos Frades Menores é assim descrita:

E benchè fosse molto letterato, non volse mai però altro stato che quello de la santa humilità, cicè semplice laico; et in quello stato humilmente perseverò fine a laudabile fine de la marabele vita sua. [...] Tutti li piú vili servitii e exercitii de casa cercava, et com omne sollicitudine facea [...].

As atitudes de Jacopone que causavam estranhamento à comunidade de Todi antes de seu ingresso na Ordem são justificadas na fonte como virtude e sabedoria que somente aos olhos de Cristo seriam reconhecidas, conforme nos indica a *Franceschina*. Suas opções (primeiro penitente, depois franciscano “espiritual”), sua forma de expressão verborrágica ao tratar das questões eclesiais, a consonância entre suas

laudas penitenciais com as anônimas, seu modo irônico e mesmo sarcástico em se referir à vida mundana nos leva a apreendê-lo como sujeito mais próximo do penitente (franciscano) que transita pelo meio eclesiástico sem absorver sua sobriedade.

O movimento franciscano se iniciou como penitencial, mas numa fase já bastante clericalizada, vivida por Jacopone, essa forma de vida já não era tão exemplar. O ideal era a entrada na ordem e a segurança que poderia proporcionar à alma de quem a ela se dedicasse. A vida religiosa de Jacopone se iniciou quando as ordens mendicantes investiam na organização dos leigos em confraternidades, quando a Igreja investia maciçamente contra o que considerava heterodoxo. Para ele próprio, tantos anos depois de ter tomado o hábito, a experiência penitencial foi “vergonhosa”.

Enrico Menestò (2001, p. 9), em Congresso que teve o poeta todino como objeto central, em 1992, chamou atenção para as “singularidades” de Jacopone:

[...] um temperamento exuberante, uma psicologia sempre em tensão, extrema, irreduzível, ignara de conciliação entre o mundo e o céu, entre o temporal e o eterno, uma personalidade, em substância, próxima ao limite da extravagância, se não de um efetivo distúrbio psíquico.

62

O comportamento constrangedor já era esperado por sua comunidade. O estranhamento provocado pelas atitudes do todino, mesmo depois de sua entrada na Ordem, auxilia na composição de personagem que marca sua posição não somente pelas laudas que compõe, mas pelo comportamento surpreendente, “carnavalizado”, como o diria M. Bakhtin. Para o estudioso russo durante o período medieval e no Renascimento, o riso se expressou mais abertamente nas cerimônias e espetáculos, festas, paródias, etc, e se manifestou no catolicismo de Francisco de Assis (1987, p. 10) Jacopone se coloca nessa esteira, apesar considerarmos profundas diferenças entre o risível em sua vida e na de Francisco.

Na *Franceschina* se nos apresenta, apesar de seu aspecto celebrativo e institucional uma grande possibilidade de nos aproximarmos de aspectos e personagens marginais da vida franciscana. Quanto a Jacopone, valorizado diante de sua produção poética nas compilações posteriores, apresentou-se como personagem marginal tanto em relação à hierarquia eclesiástica, quanto ao comportamento carnavalizado de suas expressões religiosas, mesmo frente aos irmãos de hábito. Giacomo Oddi nos apresenta uma construção narrativa que transforma a *pazzia* de Jacopone reconhecível pelo Cristo, ainda que incompreendida pelos frades, assim como anteriormente o fora pelos todinos leigos durante sua vida como penitente. O *outsider* religioso que vivia em situação “humilhante” se eleva na discrição do encontro solitário com o Cristo, transformando-se, assim, em modelo, ainda que para frades reformados, numa franja que ora se adequa aos estabelecidos, ora se distancia.

Referências

- AUERBACH, Eric. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1987.
- BRUFANI, Stefano. Francescanesimo e minoritismo nella crisi di fine sec. XIII. In: **IACOPONE DA TODI** – Atti del XXXVII Convegno storico internazionale (Todi, ottobre 2000). Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'AltoMedioevo, 2001.
- CAMPAGNOLA, S. Gli spirituali umbri, In: **CHI ERANO GLI SPIRITUALI** - Atti del III Convegno Internazionale. Assisi (ottobre 1975). Assisi: Società Internazionale de Studi Francescani, 1976.
- CAROLI, Ernesto (a cura di). **Fonti Francescani**: scritti e biografie de San Francesco d'Assisi, cronache e altri testimonianze del primo secolo francescano; scritti e biografie di Santa Chiara d'Assisi. Padova: Edizioni Messaggero, 1977.
- DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**: uma História do Paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FALBEL, Nachman. **Os espirituais franciscanos**. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1995.
- GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- GRENDI, Edoardo. Repensar a Micro-história? In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- GRUNDMANN, Herbert. **Movimenti Religiosi in el Medioevo**. Bolonha: Società Editrice Il Mulino, 1980.
- IACOPONE DA TODI. **Laude** (a cura de Franco Mancini). Bari: Laterza, 1980.
- LECLERQ, Jean; VANDENBROUKE, François; BOUYER, Louis. **La Spiritualité du Moyen Age**. S/L: Aubier, 1961.
- LE GOFF, J. et al. **São Francisco de Assis**: além do tempo e do espaço. Concilium/169. Petrópolis: Vozes, 1981.
- LEONARDI, Lino. Jacoponi poeta francescano. In: **Francescanesimo in Volgare (secoli XIII-XIV)** - Atti del XXIV Convegno Internazionale (Assisi 17-19 ottobre). Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1997.
- LIMA, M. A. Relações de poder entre estabelecidos e *outsiders*. **Holos**, ano 31, v. 6, p. 544-554, 2015.

- MENESTÒ, Enrico. La figura di Iacoponi da Todi. **IACOPONI DA TODI** – Atti del XXXVII Convegno Storico Internazionale (Todi, ottobre 2000). Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 2001.
- _____. **Le vite antiche di Iacoponi da Todi**. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1991.
- ODDI, Giacomo. **Franceschina** (Edito dal Nicola Cavanna, OFM). Firenze: Leo S. Olschki, 1931.
- RICCI, Angelo. **Umanità e Popolo nella lauda del secolo XIII**. Porto Alegre: Imprensa Universitária, 1957.
- SUITNER, Franco. **Iacopone da Todi**. Roma: Donzelli, 1999.
- _____. Iacoponi nel movimento di contestazione francescana, In: **IACOPONE DA TODI** – Atti del XXXVII Convegno storico Internazionale. (Todi, ottobre 2000). Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 2001.
- VISALLI, Angelita Marques. **O corpo no pensamento de Francisco de Assis**. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.
- _____. **Cantando até que a morte nos salve**: estudo sobre laudas italianas dos séculos XIII e XIV. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.